

PSICOLOGIA

EXCLUSÃO SOCIAL E POBREZA JUVENIL NA CIDADE DO HUAMBO: UM ESTUDO DE CASO DOS LAVADORES DE CARROS NAS RUAS¹

Benedito Jovial Kavita²

benedito.kavita@outlook.com

Resumo

A presente pesquisa visou conhecer as representações sociais dos jovens lavadores de carros nas ruas da cidade do Huambo, sobre sua exclusão social e pobreza. Combinou-se a Teoria das Representações Sociais conforme a abordagem de Serge Moscovici e Denise Jodolet com entrevistas em profundidade com 11 sujeitos do sexo masculino, de idade média de 23. Os dados obtidos através das entrevistas foram submetidos a análise do discurso, ilustrando uma gama complexa e preocupante de dificuldades enfrentadas quotidianamente pelos jovens em questão: a) insuficiência do rendimento económico do trabalho para a satisfação das necessidades primárias, com nefastas consequências no plano da aceitação na família e da estabilidade da mesma; b) violência no ambiente de trabalho, resultante principalmente da luta relacionada com a escassez de clientes do serviço de lavagem, bem como consumo de álcool e outras drogas; c) sensação de exclusão, ansiedade e fatalismo por falta de mecanismos institucionais de inserção escolar e profissional.

Palavras-chave: Representações sociais, exclusão, jovens, trabalho, Huambo.

Abstract

This article addresses the social representations of young street car washers in Huambo city in Angola, concerning their own condition of social exclusion and poverty. The research conducting to this article combined Social Representation Theory as in Serge Moscovici and

¹ Parte do texto foi extraído da dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto em Luanda em 2015.

² Mestre em Psicologia Social e Docente do ISPSN-Huambo.

Denise Jodolet's approach with interviews with eleven males averagely aged 23. Discourse analysis was applied to the interviews results, revealing an entangling and worrying array of hardships affecting the observed young population on a daily basis: a) shortage of labour income, considering their basic needs satisfaction, which often damages the chances for them to be accepted by their relatives, which in turn harms family cohesion and their social integration; b) violence in labour context, resulting chiefly from struggle related to the scarcity of service customers, and drugs effects, alcohol being the most consumed drug; c) feeling of exclusion, anxiety and fatalism related to the lack of institutional policy for education and professional inclusion.

Palavras-chave: Social representations, exclusion, youth, labour, Huambo.

INTRODUÇÃO

Nesta investigação, abordamos “as representações sociais da exclusão social, num estudo de caso dos jovens lavadores de carros nas ruas da cidade do Huambo”. A razão pela qual decidimos fazer esta abordagem, residiu no facto de termos constatado, no dia-a-dia, um problema social tão grave que é o da exclusão social dos jovens em geral e, em particular, dos lavadores de carros nas ruas. Com esta pesquisa, pretende-se conhecer as representações sociais da exclusão social dos jovens lavadores de carros nas ruas da cidade do Huambo, descrever e analisar as representações sociais da exclusão social no seio destes jovens, identificar os principais problemas que preocupam e afectam os jovens lavadores de carros e, finalmente, explicar as dificuldades que enfrentam na vida quotidiana, na família e nas possibilidades de acesso à escola e ao trabalho formal.

Para alcançar os objectivos supracitados foi necessária a realização de um percurso teórico-metodológico que deu origem as três partes que compõem esta investigação. A primeira parte é dedicada à Teoria das Representações Sociais. Esta parte dá-se um tratamento conceptual sobre os temas de Pobreza e Exclusão Social. A segunda parte é concernente à metodologia de pesquisa utilizada (pesquisa qualitativa). Apresentam-se as características sociodemográficas dos entrevistados, as circunstâncias de inserção no campo, os instrumentos e procedimentos de colecta de dados utilizados (entrevistas aprofundadas), como também os procedimentos de análise desses dados (análise do discurso). Na terceira e última parte, abordam-se as representações sociais da exclusão social dos jovens lavadores de carros nas ruas da cidade do Huambo, como resultado do trabalho de campo. Nesta parte, analisam-se os dados recolhidos no trabalho de campo e procura-se identificar e explicar as dificuldades encontradas pelos

jovens lavadores de carros na luta pela subsistência e nas suas relações com os membros das suas famílias e da sociedade em geral.

1. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EXCLUSÃO SOCIAL

1.1-Teoria das representações sociais

O trabalho funda-se no modelo teórico de Serge Moscovici, da escola psicossocial francesa, que desenvolveu a Teoria das Representações Sociais, com a obra *La psychanalyse, son image et son public* (1961/1978) editada em França e publicada no Brasil, em 2012, com o título: “A psicanálise, sua imagem e seu público”. Com esse livro, Moscovici inseriu-se no debate sobre a teoria e a pesquisa das representações sociais, tornando-a pertinente ao contexto da psicologia social³. Nesse contexto, quer-se perceber um problema social bem visível na sociedade angolana, que tem a ver com a questão da exclusão social. Mas para melhor clarear o argumento, achou-se pertinente seleccionar a categoria “jovens lavadores de carros” para o quadro de análise. Daí a necessidade de falar sobre as representações sociais destes mesmos jovens a cerca do problema social que vivem, muitas das vezes sem perceberem suas causas e muito menos suas consequências.

As representações sociais são manifestações do pensamento social, colectivamente produzidas e historicamente determinadas, se organizam em torno de um núcleo central, são estruturadas contendo informações, crenças, opiniões e atitudes. O estudo das representações sociais foi impulsionado pela convicção de que o senso comum não é algo irracional, e que pode ser uma fonte importante para estudos científicos⁴. Segundo Moscovici,⁵ com a Teoria das Representações Sociais se visa “o estudo de como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e, desse modo, constituem sua realidade comum, de como elas transformam ideias em práticas”. Gonzalez Rey⁶ considera como principal contribuição da Teoria das Representações Sociais a criação de uma nova zona de sentido dentro da Psicologia Social até então ignorada: o estudo da génese e do desenvolvimento do conhecimento social. É neste contexto onde enquadrámos a teoria. Com ela se quer defender que apesar da qualidade dos jovens em análise, eles são capazes de nos fornecer um conhecimento científico acerca da sua

³ Cfr. Jodolet, D., Representações Sociais: um domínio em expansão. In D. Jodolet (Org.). *As Representações Sociais*. EdUERJ, Rio de Janeiro, 2001.

⁴ Cfr. Jodelet, D., *opus. cit.*

⁵ Cfr. Moscovici, S. (2007). *Representações Sociais: Investigação em Psicologia Social*. Ed. Vozes, 5ª ed., Rio de Janeiro, 2007.

⁶ Cfr. González Rey, F.L., *Sujeito e Subjectividade: uma aproximação histórico-cultural*. Thomson Learning, São Paulo, 2003.

situação de exclusão e pobreza. A teoria das representações sociais aplicada à situação concreta há-de nos fornecer um saber espontâneo e a manutenção de um saber tradicional, na ausência de um saber erudito unânime, estruturado e amplamente difundido tal como defende Jodelet citado por De Sá⁷.

1.2- Exclusão Social e Pobreza

Pensar de modo profundo à respeito do conceito “exclusão” leva a qualquer pessoa a pensar aos mais diversos ângulos que o próprio termo sugere. É, se calhar por isso, que no âmbito das ditas Ciências Sociais, o termo encontra variadíssimas abordagens. Nesta ordem de pensamento, temos a citar Jodelet ligada à Psicologia Social, que considera a noção de exclusão como sendo bastante polissêmica, compreendendo por isso um fenómeno que se pode perguntar até onde se justifica falar ou tratar em geral, o que suporia juntar todos os processos que ele implica ou todas as formas que ela toma em uma mesma alternativa⁸. Este termo “exclusão”, tem sido atribuída sua invenção a René Lenoir em 1974 o qual achava que não era mais um fenómeno de ordem individual mas sim social, cuja origem deveria ser buscada nos princípios do funcionamento das sociedades modernas, tal como assegura Wanderley citado por Arruda, Colaço e Baia⁹. Entre as causas da exclusão, destaca-se: o rápido e desordenado processo de urbanização, a inadequação e uniformização do sistema escolar, desenraizamento causado pela mobilidade profissional, as desigualdades de renda e de acesso aos serviços.¹⁰

Sawaia,¹¹ chama atenção ao facto de que este fenómeno não afecta apenas as franjas dos subproletários, também um processo que pode afectar todas as camadas sociais. Se o termo exclusão parece ser polissémico e dúbio do ponto de vista de sentido, o mesmo não acontece com o seu similar que é o termo exclusão social que é mais preciso e claro. Nesta busca do seu entendimento, o sociólogo Giddens¹² define-o como sendo o modo como os indivíduos são destituídos da possibilidade de um envolvimento pleno na vida social. Este autor ainda dá um exemplo prático dos excluídos sociais dizendo que são as pessoas que vivem em bairros sociais degradados com escolas pobres e poucas oportunidades de emprego, pessoas sem

⁷ Cfr. De Sá, C. P., *A construção do objecto de pesquisa em representações sociais*. EdUERJ, Rio de Janeiro, 1998.

⁸ Cfr. Sawaia, B. (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade*. Editora Vozes, 2ª ed., Petrópolis, 2001.

⁹ Cfr. Arruda, R.; Colaço, J.; Baia, A., *O que é a exclusão social?* Escolar Editora, Lisboa, 2014.

¹⁰ Idem.

¹¹ Cfr. Sawaia, B., *opus.cit.*

¹² Cfr. Giddens, A., *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª ed., Lisboa, 2013.

oportunidades de melhoramento pessoal que a maioria das pessoas na sociedade.¹³ Para Carvalho,¹⁴ o termo exclusão social faz parte da tradição francesa de análise de pessoas e grupos sociais desfavoráveis, tendo sido empregue primeiramente com objectivo de referir o afastamento da rede de relações a que estão sujeitos indivíduos e grupos sociais. A ideia acima referida fica mais clara com a ideia de Garry Roger citado por Carvalho¹⁵ ao afirmar que a exclusão social está associada à ideia de insuficiente acesso a bens e serviços, à insegurança, à justiça, à cidadania, etc. Nesta perspectiva, vale trazer à tona 5 níveis de exclusão social propostos por Garry Roger citado por Carvalho¹⁶: a) o desemprego de longo prazo, também conhecido de exclusão de mercado; b) emprego precário, exclusão do trabalho regular; c) a falta de acesso a um posto de trabalho bem remunerado, exclusão dentro do trabalho; d) a falta de moradia decente e a serviços comunitários essenciais, impossibilidade de garantir a sobrevivência, a falta de acesso à segurança e, e) a exclusão de direitos humanos.

Além dos níveis já mencionados acrescenta-se o baixo acesso instrução formal, a assistência sanitária, a habitação condigna e ao saneamento adequado, tal como vê Carvalho.¹⁷ Para finalizar esta secção, é mister apresentar mais um entendimento da ideia de exclusão social, concordando com Costa citado por Carvalho¹⁸, que entende que falar de exclusão social é, sem dúvidas, falar da fase extrema do processo de marginalização entendida esta, como um percurso descendente ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade.

Talvez seja oportuno, para maior clareza do assunto em discussão, falar-se também de formas e dimensões da exclusão social. A primeira (a forma), responde à pergunta quem é na verdade um excluído social? E a segunda (dimensão), responde a pergunta, até que ponto uma pessoa é excluída socialmente?

1. 2.1 Formas e dimensões da Exclusão Social

¹³ Idem.

¹⁴ Cfr. Carvalho, P., *Angola: Quanto tempo Falta para Amanha? Reflexões sobre as crises políticas, económicas e social*. Celta Editora, Oeiras, 2002.

¹⁵ Carvalho, P., *Exclusão Social em Angola: o caso dos deficientes físicos de Luanda*. CESFE-UC, Coimbra, 2008.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Cfr. Carvalho, P., *opus. cit.*, 2008

¹⁸ Idem.

Como muitos outros fenómenos que afectam e preocupam as sociedades, a exclusão social pode ser captada nas suas variadas formas e dimensões. Ou seja, pode ser vista sob vários pontos de vista. Giddens,¹⁹ apresenta as principais formas da exclusão social, como se pode ver:

- Exclusão do mercado de trabalho, que conduz à outras formas de exclusão social, por exemplo, a pobreza, a exclusão de serviços, a exclusão de relações sociais, só para citar estas;
- Exclusão de serviços, que se circunscreve na falta de acesso a serviços básicos, tal como a falta de electricidade, água potável, transportes, lojas e outros serviços financeiros;
- Exclusão das relações sociais, quando os indivíduos são impossibilitados de participar nas actividades sociais mais comuns, tais como visitar os amigos e familiares, celebrar ocasiões especiais, gozar férias, etc. E, a falta de apoio prático e emocional em momentos de necessidades.

Quanto às dimensões da exclusão social Bruto da Costa citado por Carvalho²⁰ enumera 5 dimensões as quais Carvalho, acrescenta mais uma:

- 1º Exclusão do tipo económico (pobreza), caracterizada por uma situação de privação múltipla e por falta de recursos;
- 2º Exclusão do tipo social (isolamento ou ausência de laços sociais), que está relacionada pelo isolamento ou ausência de laços sociais;
- 3º Exclusão do tipo cultural (dificuldades de integração), que está relacionada com a dificuldade de integração em consequência de fenómenos como xenofobia;
- 4º Exclusão de origem patológica (psicológica ou mental), que pode ser de natureza psicológica ou emocional;
- 5º Exclusão por comportamentos autodestrutivos (alcooolismo, toxicodependência e prostituição);
- 6º Exclusão política (o não exercício de direitos políticos e de cidadania).

Exclusão social e pobreza

O caminho percorrido pelos conceitos de exclusão e exclusão social, traz à tona um outro fenómeno muito presente na sociedade em que nos encontramos. Trata-se precisamente da pobreza. Nosso propósito é o de saber o nível de parentesco existente entre um conceito (exclusão social) e outro (pobreza).

¹⁹ Cfr. Giddens, A., *opus.cit.* p. 560.

²⁰ Cfr. Carvalho, P., *opus cit.*, 2008, p.38.

Segundo o INE (Instituto Nacional de Estatística)²¹, a pobreza é considerada como a privação de algumas dimensões do bem-estar de um indivíduo, como o acesso limitado de serviços de saúde, baixo capital humano, habitação inadequada, má nutrição, falta de bens e serviços, falta de capacidades de expressar pontos de vistas políticos e professar credos religiosos. De acordo com Rahmena citado por Lukamba,²² a pobreza é a incapacidade de satisfação das necessidades básicas, como alimentação, vestuário e abrigo.

A Sociologia tem favorecido duas diferentes abordagens da pobreza na óptica de Giddens:²³ a pobreza absoluta, relacionada à falta de condições básicas que devem ser reunidas de forma a sustentar uma existência física saudável, tal como comida suficiente, abrigo, roupa, etc.; e a pobreza relativa, determinada e medida baseando-se no preço dos bens essenciais à sobrevivência humana em determinada sociedade e em um determinado contexto. E ainda em relação a pobreza, Rahnma citado por Lukamba,²⁴ diz-se pobreza absoluta quando as pessoas vivem com menos de 1 dólar americano por dia.

Há nos autores mencionados uma completa unanimidade. Na verdade, pobre é todo indivíduo privado de ter as condições básicas para uma vida saudável e digna. Assim, há uma distinção bem nítida entre a exclusão social e a pobreza, visto que a primeira é mais ampla do que a segunda, pois que de acordo com Giddens,²⁵ a exclusão social foca atenção num conjunto mais amplo de factores que impedem que os indivíduos ou grupos usufruam de oportunidades abertas à maioria da população. Carvalho,²⁶ vai mais longe e traz simplesmente a diferenciação dizendo que

o conceito de exclusão social engloba a pobreza, mas o oposto não é válido, uma vez que todo o pobre está socialmente excluído, mas nem todo o excluído social é necessariamente pobre; ainda, acrescenta dizendo que a pobreza é a dimensão material de um fenómeno mais vasto que é a exclusão social.

²¹ Cfr. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, IBEP., *Sumário do inquérito integrado sobre bem-estar da população*. IBEP-INE, ANGOLA, 2011.

²² Cfr. Lukamba, A., *A globalização e os conflitos no sul: o caso angolano*. Roma, 2001.

²³ Cfr. Giddens, A., *opus. cit.*

²⁴ Cfr. Lukamba, A., *opus. cit.*

²⁵ Giddens, A., *opus cit.*

²⁶ Carvalho, P. (2008)., *opus cit.*

À guisa de conclusão, faz sentido retomar a ideia segundo a qual a exclusão social é um problema social muito presente nas sociedades contemporâneas. Ela representa a ausências de bens, serviços e uma roptura nos laços quer afectivos e quer emocionais de um individuo.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 Pesquisa qualitativa

No âmbito dos objectivos perseguidos por esta investigação, optou-se por um estudo qualitativo. O que se procura é, na verdade, conhecer as representações sociais da exclusão social dos jovens lavadores de carros nas ruas da cidade do Huambo, a partir das várias perspectivas encontradas nos diversos discursos e nos significados que os jovens lavadores de carros atribuem à situação em que se encontram e tudo o que a envolve, admitindo-se que o sentido, particular e subjectivo, atribuído a um acontecimento pode ser generalizado²⁷.

Trata-se, todavia, de uma investigação interpretativa, fundamentalmente qualitativa, que pela natureza do instrumento utilizado para a recolha de dados- *a entrevista aprofundada*- quer pelos objectivos propostos se inscreve na compreensão hermenêutica, a que se associou uma análise de discurso.

2.2 Características sócio-demográficas dos entrevistados

Os dados que apresentamos neste estudo foram colhidos na ex Finol e na Lagoa do R 21 situados na Cidade do Huambo entre os anos 2013 e 2014. Numa altura que os locais de lavagem de carros nas ruas com maior concentração de jovens eram os seguintes: Ex-Finol (na rua que liga a Escola Deolinda Rodrigues ao bairro Santo António), albufeira do Kuando, Ponte do Rio Kulimahalã, rio fronteiroço do bairro de S. Pedro Suburbano e Calomanda, lagoa R 21 (Bairro Cavongue), rua Adjacente ao prédio da Construção, Eribeira da granja, Rio Calombula, etc.

Participaram da pesquisa 11 jovens lavadores de carros, todos eles do sexo masculino, com idades compreendidas entre 18 a 27 anos. Esta selecção foi feita aleatoriamente tendo como critério o facto de se fazer presente no local de lavagem de carros nos dias em que decorreram as entrevistas.

Dentre os entrevistados, um possui o ensino médio, três encontram-se a estudar, e os restantes não estudam já há mais de dois anos. A maior parte dos jovens é natural e reside na zona periférica da cidade do Huambo; com excepção de três que são naturais dos municípios de Caála, Cachiungo e Matala (sendo o último município da província da Huíla). Quanto à experiência profissional, a situação é ainda mais lastimável, por quanto só 5 é que possuem

²⁷ Cfr. Tuckman, B., *Manual de investigação em educação*. Lisboa, 2000.

alguma experiência profissional. Para maior compreensão dos dados sociodemográficos, apresentamos a seguir a tabela nº 1.

Tabela nº 1 -Características sociodemográficas dos entrevistados

Nº/O	Sexo	Idade	Hab. Literárias	Profissão	Naturalidade	Residência	Nº de filhos
1	M	21	7 ^a	Ajudante de pedreira	Huambo	Calomanda	2
2	M	19	7 ^a	Nenhuma	Huambo	Kapango	0
3	M	37	12 ^a	Ex-militar	Huíla	Kapango	7
4	M	19	5 ^a	Nenhuma	Huambo	Kapango	0
5	M	18	9 ^a	Nenhuma	Huambo	Cavongue	0
6	M	18	8 ^a	Nenhuma	Huambo	Calomanda	0
7	M	28	5 ^a	Ajudante de pedreira	Cachiungo	Calomanda	2
8	M	24	8 ^a	Ajudante de pedreira	Huambo	Fátima Sub- urbano	0
9	M	22	7 ^a	Nenhuma	Huambo	Calomanda	0
10	M	22	8 ^a	Ajudante de pedreira	Caala	Calomanda	3
11	M	34	5 ^a	Ajudante de pedreira/ Ex-militar	Huambo	S. João Canata	3

Fonte: Elaboração do autor.

2.3. Instrumento de recolha de dados

Optou-se pela utilização da entrevista aprofundada, este tipo de entrevista possibilita que o entrevistado expresse as suas opiniões com liberdade e com a ênfase desejada. Foi de todo útil, aplicar a técnica de entrevista aprofundada por ser explicitamente uma técnica qualitativa que nos permite analisar as opiniões dos entrevistados sobre os diferentes aspectos da vida a nível pessoal, familiar, social, económico, entre outros. Valorizou-se mais o aprofundamento e o

alargamento das opiniões recolhidas, não se pressionando os participantes com um elevado número de perguntas, o que inevitavelmente, iria conduzir a respostas mecânicas e pouco representativas dos seus pensamentos sobre o objecto de estudo.

As perguntas surgiam fundamentalmente, como tópicos para reflexão dos entrevistados sobre suas representações sociais, com objectivo de colher a opinião mais limpa possível de representações ou de convicções e sentimentos do momento. A utilização de um guião, não impediu aos entrevistados a possibilidade de construir o seu próprio discurso e sem obrigar o investigador a preocupação de seguir o mesmo ordenamento das questões em todas as entrevistas e de maneira idêntica, permitir estabelecer uma categorização comum, construindo um corpus relativamente homogéneo, o que facilita a interpretação corporativa de dados.²⁸

A entrevista aprofundada permitiu, ainda, minimizar a recolha de informação não útil aos objectivos. A estrutura e o guião da entrevista foram elaborados tendo por base os dados recolhidos num trabalho empírico realizado por Hongolo.²⁹

Procurou-se manter o distanciamento das opiniões expressas pelos entrevistados, mesmo quando para tal se tenha solicitado, para que os participantes nunca se sentissem avaliados ou com receio de não estar a responder ao solicitado ou, acima de tudo, julgasse o seu discurso com reduzido interesse a qualquer interpretação ou, de alguma maneira, minasse o clima de aceitação e de descontração desejada à realização de um trabalho profícuo, foi desde cedo clarificado, que mais do que uma entrevista, se tratava de uma conversa, sendo o entrevistador um mero ouvinte.

As entrevistas foram gravadas num aparelho, tendo sido solicitada previamente aos entrevistados, a autorização para a utilização do gravador. Posteriormente, as transcrevemos na íntegra para captar com exatidão a totalidade do discurso e permitir a sua respectiva análise. Cada entrevista teve uma previsão de duração aproximada de 30 minutos, mas no terreno vimos-nos obrigado a reduzir esse tempo, visto que alguns entrevistados apresentavam-se nervosos e lacónicos. Estes comportamentos, fizeram com que as entrevistas durassem entre 10 a 20 minutos.

2.5 Tratamento de dados

²⁸ Cfr. Quivi, R.; Campenhoudt, L. V., *Manual de investigação em ciências sociais*. Grávida Editora, 6ª ed., Lisboa, 2013.

²⁹ Cfr. Hongolo, A. L. Dos Santos, *A comunidade Rastafari em Angola: da representação à exclusão social*. Dissertação de Mestrado em Sociologia não publicada. Universidade de Lili, Lili, 2013.

Após a realização de todas as entrevistas, os dados foram sujeitos a uma análise de discurso que, na perspectiva de Quivy & Compenhoudt,³⁰ é o método que melhor permite a análise sistemática de informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade. Corroboramos com Bardin,³¹ o entendimento de que o objectivo principal da análise de discurso é a inferência e que esta se realiza tendo como suporte indicadores de frequências, o que valida a consciência dos resultados e das suas causas.

Na óptica de Desanti e Cordon citado por Hongolo,³² essa técnica de análise “consiste em procurar temas e sub-temas significativos que encontramos de uma entrevista a outra, a medida que as vamos lendo”. Ainda segundo Quivy e Campenhoudt,³³ essas técnicas de análises, revelam as representações sociais ou juízos dos locutores a partir de um exame de certos elementos constitutivos do discurso. A interpretação dos discursos, iniciou-se com o processo de análise vertical e horizontal, partindo dos sete temas e seus respectivos subtemas organizadores das entrevistas: (1) Trajectorias sociais; (2) Clima familiar; (3) Escolaridade; (4) Percurso profissional; (5) Inserção social; (6) Comportamentos autodestrutivos e criminalidade; e (7) Dificuldades e perspectivas. Para maior compreensão desta organização, apresentamos mais abaixo, a tabela 2, com o guião da análise dos discursos, pois que ele, permitiu organizar e analisar dados relativos às representações sociais sobre as causas que levam os jovens a lavarem carros; às relações que mantêm no seio familiar; à situação escolar e profissional; ao apoio institucional; às suas carências, seus medos, seus preconceitos, estereótipos e discriminação que resultam da sua actividade. Pudemos também identificar os principais problemas que afectam e preocupam os jovens e, finalmente, explicar as dificuldades que enfrentam na vida quotidiana, na família e nas possibilidades de acesso à escola e ao trabalho formal remunerado.

Tabela nº 2

Guião de análise de discurso

<i>Nº</i>	<i>Temas</i>	<i>Sub-temas</i>
<i>1</i>	<i>Percurso dos lavadores de carros (Trajectorias sociais)</i>	<i>Origem social, percursos dos lavadores de carros</i>

³⁰ Cfr. Quivi, R.; Campenhoudt, L. V., *opus cit.*

³¹ Cfr. Bardin, L., *Análise de Conteúdo*. Edições 70, Lisboa, 2011, p. 163.

³² Cfr. Hongolo, A. L. Dos S., *opus cit.* p. 75.

³³ Cfr. Quivi, R.; Campenhoudt, L. V., *opus cit.*

2	<i>Clima familiar</i>	<i>Relações familiares, filhos</i>
3	<i>Escolaridade</i>	<i>A escolaridade, insucesso escolar, abandono escolar,</i>
4	<i>Percurso profissional</i>	<i>Emprego e relações de trabalho, dificuldade no trabalho, estratégia de sobrevivência</i>
5	<i>Inserção social</i>	<i>Integração social, instituições de reintegração social</i>
6	<i>Comportamentos autodestrutivos e criminalidade</i>	<i>Consumos de drogas, criminalidade, marginalidade, roubos</i>
7	<i>Dificuldades e perspectivas</i>	<i>Carências, medos, preconceitos, estereótipos, discriminação</i>

Fonte: Elaborado por Hongolo³⁴ e adaptado pelo autor.

O processo de análise vertical e horizontal, consiste numa primeira fase na selecção e organização dos dados identificados nos diversos discursos e na fase posterior, a análise profunda de cada um dos discursos e a respectiva comparação entre todos, salientando semelhanças e divergências significativas.³⁵ Prosseguiu-se a análise com o processo de categorização. O critério utilizado foi o semântico, ou seja, tivemos a premente preocupação de agrupar na mesma categoria todos os elementos com a mesma significação.³⁶ Usamos a técnica de “tesoura e cola” tal como apresenta Marie-Chistina d’Úmug citado por Santos, para verificar e formular as categorias sempre que necessário³⁷. Seguidamente, procedeu-se a uma nova leitura de listagem de categorias formuladas, de tal forma a garantir a sua adaptação ao material analisado. A categoria é, nada mais, nada menos, uma estrutura convencionada, criada pelo investigador para classificar e sistematizar a informação recolhida. Foi preciso materializar as categorias pelo levantamento dos seus indicadores. Desta forma, procedeu-se a codificação do material em análise, isto é, à transformação dos dados dos discursos em bruto, o que como pensa Bardin,³⁸ “possibilita atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto que podem servir de

³⁴ Cfr. Hongolo, A. L. Dos S., *opus cit.* p. 75.

³⁵ Cfr. Bardin, B., *opus cit.* p. 199.

³⁶ *Idem.* p. 145.

³⁷ Cfr. Santos, J. M. F. Dos, Valores e deontologia docente: estudo empírico. *In Revista Iberoamericana de Educacion* (ISSN:1681-5653).

³⁸ *Ibidem.*

índices.”³⁹ A identificação dos índices permite, por sua vez, pela frequência simples do tema, a construção dos indicadores.

Assim, prosseguiu-se com o recorte do conjunto das entrevistas e com a análise sobre todos os seguimentos portadores de uma análise de sentido, tendo sido atribuído a cada seguimento um código, para permitir a sua organização e posterior comparação em todos os outros a que se atribuiu o mesmo código e verificar se existe, ou não, uma relação de aproximação entre eles passível de os agrupar numa estrutura mais geral, ou seja, numa categoria. Apurou-se assim, o número de vezes, de entrevista por entrevista, que um indicador (tema ou subtema) foi mencionado e elaborou-se de seguida, uma grelha estruturada em temas, categorias, subcategorias e indicadores, onde as representações que se encontram no ponto seguinte foram recolhidas.

3. RESULTADO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA EXCLUSÃO SOCIAL DOS JOVENS LAVADORES DE CARROS NAS RUAS DA CIDADE DO HUAMBO

3.1 Trajectórias sociais dos lavadores de carros

Uma trajectória é um deslocamento no espaço social, entre uma posição de origem e posição de chegada, na perspectiva de Lebaron.⁴⁰ Ainda segundo o mesmo autor, a noção de trajectória permite descrever uma biografia individual sem deixar de lado as estruturas ou espaços sociais no seio dos quais ela se estende.⁴¹ Yves Grafmeyer citado por Lebaron,⁴² propõe duas perspectivas para a observação da trajectoria de uma população: a) a perspectiva transversal e b) a perspectiva longitudinal. A perspectiva transversal serve para observar uma população num dado momento da sua trajectoria. A perspectiva longitudinal ocupa-se da sucessão dos estados e dos acontecimentos que afectam cada um dos membros dessa população, como é no caso do nascimento, período de entrada na vida profissional, data de chegada numa cidade ou num bairro, etc. Para o nosso estudo, achamos por bem utilizar as duas perspectivas.

Durante a pesquisa, numa primeira instância, procurou-se saber o percurso dos jovens lavadores de carros na cidade capital do Huambo, ou seja, como os jovens vão parar nas ruas lavando carros. As informações recolhidas junto dos entrevistados mostram que a maior parte deles vai parar nas ruas devido a problemas económicos no seio da família e/ou devido a ruptura nos laços familiares por perda de um dos seus membros ou mesmo devido à separação dos pais ou

³⁹ Idem, p.156.

⁴⁰ Cfr. Lebaron, F., *A sociologia de A a Z: 250 palavras para compreender*. Escolar Editora, Lisboa 2010.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

ainda devido à própria pobreza que caracteriza a maior parte das famílias angolanas.⁴³ Os discursos dos entrevistados confirmam isto mesmo:

“Só órfão de pai e mãe. Vivo com o meu irmão mais velho. A relação com o meu irmão é assim mesmo, bom dia bom dia, não me safa já nada. Estou a fazer esse trabalho para sobreviver um pouco. Lavo carros desde 2008, naquela de andar com meu amigo disse não anda só a ficar em casa só assim, anda a me seguir”. (22 anos de idade, 7ª classe, residente na Calomanda).

“Nunca estudei mais porque os meus pais se separam muito cedo e só andava só assim. Eu fui tropa da defesa civil, quando nos levam ao Congo eu fugi. Lavo carro desde 2007, aqui mesmo na Finol”. (34 anos idade, 4ª classe, residente na Canata).

Como se pode constatar, as trajectórias são diferentes, mais todas elas apontam para desestruturação familiar, a pobreza no seio familiar e as poucas oportunidades de emprego.

3.2. Clima familiar

A família é aqui entendida como uma unidade nuclear na qual as pessoas possuem laços de parentesco ou afinidade, formando um grupo doméstico que convive sob o mesmo tecto. A família é considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social. O papel da família no desenvolvimento de cada indivíduo é de fundamental importância. É no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem como as tradições e os costumes perpetuados através de gerações. O clima familiar é um local onde deve existir harmonia, afectos, protecção e todo o tipo de apoio necessário na resolução de conflitos ou problemas de algum dos membros. As relações de confiança, segurança, conforto e bem-estar proporcionam a unidade familiar. O clima familiar é muito importante na vida de cada indivíduo.

No ponto anterior, falou-se que a maioria destes jovens opta pelo trabalho de lavador de carros devido à rupturas nas relações familiares e também devido às condições precárias das famílias. Vejamos os discursos que se seguem:

“Só órfão de pai e mãe. Vivo com o meu irmão mais velho. Desisti por falta de apoios, pediam algo na escola, o próprio dinheiro não tinha” (22 anos de idade, 7ª classe, vive na Calomanda).

Na abordagem de Merton,⁴⁴ os pais servem de correia para a transmissão de valores e objectivos dos grupos nos quais fazem parte, sobretudo os da sua classe social ou da classe com que se

⁴³ Van-dúnem, J.O.S., *Fundos Sociais: um colírio no combate à pobreza? Um estudo de caso do Fundo de Apoio Social*. Edições Kilombelombe Limitada, Luanda, 2008.

⁴⁴ Cfr. Merton, *opus cit.* pp. 209-210.

identificam. E a escola é, evidentemente, o organismo oficial para a transmissão dos valores predominantes, afirmando implicitamente, ou mesmo de modo explícito, que a educação conduz à inteligência e conseqüentemente o sucesso ao emprego e o êxito monetário.⁴⁵ Todavia, vemos que o clima familiar destes jovens não é favorável para orientá-los na direcção certa. A maior parte das famílias angolanas não cumpri com o seu real papel social. Daí que temos muitos jovens nas ruas quando deviam estar na escola ou em trabalhos socialmente úteis. Portanto, precisamos refletir nessa disfunção das famílias angolanas.

3.3. Escolaridade

A questão do percurso escolar dos jovens lavadores de carros na cidade capital do Huambo, está intimamente ligada a escolaridade da vasta maioria da juventude angolana. Numa situação em que mais de dois terços das famílias vive abaixo da linha de pobreza, não é de estranhar que seja bastante baixo o acesso à instrução em Angola.⁴⁶ As dificuldades encontradas no dia-a-dia dos jovens aumentam o nível de fracasso escolar e do abandono escolar.

Sabendo que a escolaridade é um dos factores determinantes do percurso profissional dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, bem como surge como um dos elementos fundamentais para definição de desenvolvimento de uma sociedade, nomeadamente ao que refere às populações jovens que se assumem como os protagonistas “*dos processos de aquisição de novas qualificações e saberes*” como assegura Guerreiro, Cantante e Barroso mencionado por Chambino,⁴⁷ os níveis de escolaridade destes jovens são muito preocupantes. A situação de pobreza conduz a que muitas crianças não tenham acesso à instrução em virtude das suas famílias não terem como pagar o que lhes é exigido para o acesso à escola pública. E os que conseguem ingressar têm depois dificuldades para prosseguir, devido à falta de recursos na família ou ainda por razões de natureza cultural.⁴⁸ Vejamos alguns depoimentos dos entrevistados:

“Não estudei através do dinheiro, na escola é preciso dinheiro. Não consigo pagar a propina só estou a si preocupar com a minha vida” (18 anos de idade, residente na Calomanda, 8ª classe).

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Carvalho, P., *opus cit.* 2002.

⁴⁷ Cfr. Guerreiro, M. Das D.; Cantante, F.; Barroso, M., O abandono escolar precoce e as suas implicações nos percursos profissionais dos jovens, In. Carmo, M. R. De (Org.), *Desigualdades sociais: estudos e indicadores*. Editora Mundos Sociais, Lisboa, 2010.

⁴⁸ Carvalho, P., *opus cit.*, 2002.

“Só órfão de pai e mãe. Desisti por falta de apoios, pediam algo na escola, fui novo e não conseguia nada na Finol, vi mesmo vou só desistir. Estou a fazer esse trabalho para sobreviver” (22 anos de idade, 7ª classe, vive na Calomanda).

Os discursos apresentados pelos entrevistados demonstram que a ruptura dos laços familiares e sociais, e juntando a isso a escassez de recursos económicos, desempenharam um papel preponderante nos seus percursos escolares. Na óptica de Hongolo,⁴⁹ quando os laços familiares e sociais são quebrados e as dificuldades económicas se impõem, o sucesso escolar torna-se difícil. E é exactamente isso que verificamos em nossa investigação empírica. A maior parte dos jovens encontra-se socialmente excluída do sistema escolar devido à carências económicas de suas famílias. Para inverter esse quadro assombrado, a família é novamente chamada a cumprir com o seu papel de providenciar as condições necessárias aos seus filhos, para evitar-se a exclusão por falta de qualificações académicas.

Concluindo, diríamos que o abandono escolar precoce, o insucesso escolar e a falta de oportunidades de estudar configuram-se num grande problema para esse grupo. Para dizer mesmo com Guerreiro, Cantante e Barroso⁵⁰, esta *“reprodução social das baixas qualificações, no contexto da globalização dos mercados, implica, na verdade um aprofundamento das desigualdades sociais”*.

3.4. Percurso profissional

Os problemas de escolaridade acima referenciados afectam directamente as questões ligadas à esfera económica da vida destes jovens.⁵¹ As baixas qualificações académicas e o pouco investimento dos jovens em programas de formação quer profissional quer académica, associadas ao acomodamento (imediatismo) a formas alternativas de sobrevivência, conduzem à fracas capacidades profissionais que se refletem numa dificuldade acrescida de entrada no mercado de trabalho. Esta questão ganha maior relevância se for tido em conta que *“a diferença entre ter e não ter emprego é das que mais imediatamente se transforma em desigualdades sociais”* segundo Machado e Silva citado por Chambino.⁵²

⁴⁹ Cfr. Hongolo, A. L. das S., *A comunidade Rastafari em Angola: da representação à exclusão social*. Dissertação de Mestrado em Sociologia não publicada, Universidade de Lili, Lili, 2013. p. 48.

⁵⁰ Cfr. Guerreiro, M, et al. *opus cit.*, p. 154.

⁵¹ Cfr. Carvalho, P., *opus cit.*, 2002.

⁵² Cfr. Chambino, M. S. B., *(Des) Integração Social juvenil: o caso da urbanização de realojamento Casal Mira*. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Planeamento. ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011, p. 35.

Nessa ordem de ideias, a exclusão social dos jovens lavadores de carros, tem a ver com o desemprego e falta de formação quer profissional quer académica. Mas isso não é de admirar uma vez que segundo Carvalho,⁵³ o índice de desemprego urbano em Angola é de 45%. Ainda segundo aquele autor, o subemprego e as migrações são responsáveis pelo crescimento, em larga escala, do sector informal.⁵⁴ Portanto, se partirmos da ideia segundo a qual, em Angola, a maioria da população é jovem, podemos inferir que maior parte destes desempregados são jovens. Sem emprego e sem profissão vão parar no mercado informal e escolhem a lavagem de carros nas ruas isto porque o sector informal, é receptivo e “solidário”; recebe a todos sem exigências na perspectiva de Carvalho.⁵⁵

O desemprego e a falta de formação profissional configuram uma exclusão do mercado de trabalho como assegura Giddens.⁵⁶ Segundo o mesmo autor, o trabalho é importante não só porque providencia um rendimento adequado, mas também porque o envolvimento no mercado de trabalho é importante palco para a interacção social. Assim, a exclusão do mercado de trabalho pode conduzir a outras formas de exclusão social – por pobreza, exclusão de serviços e exclusão de relações sociais.⁵⁷ A exclusão do mercado de trabalho aumenta significativamente o risco de exclusão social. No caso concreto dos lavadores de carros, além de serem excluídos do mercado de trabalho formal e lançados para o mundo do trabalho informal, ainda assim, são perseguidos e sofrem uma espécie de dupla realidade da exclusão, como vemos neste discurso:

“Quero ter um futuro melhor, que ninguém nos dá mais corrida. Isso é que eu quero” (37 anos de idade, 4ª classe, residente no Kapango).

Considera-se, assim, que a nível económico esta população está longe da inclusão social na sociedade de referência. O não acesso ao mercado de trabalho, os baixos rendimentos e as consequentes situações de pobreza são, uma condicionante à inclusão social destes jovens.

3.5. Inserção social

Os jovens entrevistados afirmam que não têm tido nenhuma intervenção por parte de instituições de inserção social. As instituições afins nunca mantiveram nenhum contacto com eles. Apenas aparecem só para reprimir esta actividade que constitui um perigo para o ambiente.

⁵³ Carvalho, P., *opus cit.*, 2008.

⁵⁴ *Ibidem.*

⁵⁵ *Ibidem.*

⁵⁶ Giddens, A., *opus cit.*

⁵⁷ *Ibidem.*

“O estado devia falar com os PM⁵⁸, para não nos darem mais corrida qui, aqui é onde sai o nosso pão; se isso fechar nos não vamos ter onde ir, uns vão ser gatunos, vão matar para roubar e isso é feio” (19 anos de idade, 7^a classe, residente no Kapango).

Como podemos notar, as instituições de integração social, nunca se preocuparam com esses jovens, entre eles estão ex-militares que precisam de uma integração socioprofissional uma vez que foram eles que deram tudo de si para a paz que vivemos hoje no país.

As instituições devem, portanto, criar políticas públicas para tirar esses jovens das ruas, pois que segundo Carvalho,⁵⁹ o processo de integração social leva à obtenção de níveis de vida socialmente considerados dignos e evita desespero e falta de confiança nas instituições do estado conforme podemos notar no discurso deste jovem:

“Se um dia tivermos chance que o estado pense a essa camada social seria benéfico para nós, devíamos receber essa ideia com bom agrado, desde que o estado ainda não pensou em nós vamos aguardar se um dia possa nos incluir numa sociedade mais organizada” (37 anos de idade, técnico médio, vive no Kapango).

Portanto, chamamos atenção à todas as instituições, que se trabalhe para inclusão social destes jovens. Pois, pode ser uma solução para outros problemas com os quais nos deparamos como sendo a criminalidade, a violência doméstica, para apenas citar estes.

3.6. Comportamentos autodestrutivos

Usualmente os contextos socialmente desfavoráveis, como é o caso dos jovens lavadores de carros nas ruas, são marcados por situações graves de dependência de drogas. As dependências costumam acontecer ao nível das drogas e do alcoolismo como nos podemos socorrer destes jovens:

“Muitos dos lavadores de carros fumam liamba e bebem todos os dias, é verdade mesmo, em alguns sítios há mesmo os que fumam e bebem, mas aqui não” (18 anos de idade, 8^a classe residente na Calomanda).

“Não fumo nem bebo, mas tem alguns aqui, que usam liamba e bebem.” (19 anos de idade, residente no Kapango, 7^a classe).

Pelo que podemos notar durante as entrevistas, muitos dos jovens chegavam alcoolizados e outros isolavam-se constantemente para fumar.

3.7 A criminalidade

⁵⁸ PM é abreviatura de Polícia Militar.

⁵⁹ Cfr. Carvalho, P., *opus cit.*, 2002.

Além dos comportamentos autodestrutivos, os jovens lavadores de carros podem igualmente ser susceptíveis a actos criminosos, quer como actores quer como vítimas. Os lavadores de carros são quase sempre vistos como criminosos. E isto nota-se pelo comportamento que os automobilistas mostram quando vão mandar lavar os seus carros. Têm o cuidado de tirar todos os objectos valiosos do interior da viatura para evitar o seu desaparecimento. Os jovens entrevistados admitem que existe um estereótipo segundo o qual os jovens lavadores de carros roubam. Mas alguns afirmam que os que têm esse comportamento não o fazem no local de trabalho.

“Não é verdade, que nós roubamos. Alguns roubam, mas não aqui no salo. Mais se isso fechar nós não vamos ter onde ir, uns vão ser gatunos, vão matar para roubar e isso é feio. As pessoas toda hora no bairro a serem chamados de gatunos” (19 anos de idade, residente no Kapango, 7ª classe).

3.8 Dificuldades encontradas no dia-a-dia

As dificuldades são muitas ou seja, tudo é dificuldade na vida destes jovens. Muitas foram já mencionadas e aqui gostaríamos acrescer uma outra que se prende com a falta de bilhete de identidade. Para se dizer mesmo, que estes jovens estão excluídos do exercício pleno de cidadania:

“A minha família gosta do trabalho, só me diziam para mudar, mas não tenho bilhete, eles querem que eu seja electricista” (22 anos de idade, 8ª classe, vive na Calomanda).

Concluimos com Carvalho,⁶⁰ dizendo que a maioria dos angolanos não tem acesso aos direitos sociais de cidadania.

“O dinheiro que ganho não chega para sustentar a família. Estamos aqui para não reclamar que o Estado não faz nada. Não tenho facilidade de acesso à formação académica dos meus filhos e nem consigo pagar as propinas escolares dos meus filhos nem tão pouco pagar aos serviços de saúde. Considero-me um excluído porque não tenho emprego” (37 anos de idade, técnico médio, vive no Kapango).

Portanto, a maioria dos angolanos são excluídos sociais. Os jovens passam por inúmeras dificuldades. Desde as dificuldades que se predem com a aquisição de alimentação, vestuário, habitação, entre outras.

3.9 Perspectivas dos jovens

Falar de perspectivas para um grupo socialmente excluído pode ser algo difícil, visto que o indivíduo no contexto de desempregado fica sem nenhuma ideia do futuro. Entre os jovens os

⁶⁰ Cfr. Carvalho, P., *opus cit.*, 2008.

que apresentam alguns planos para o futuro ainda reservam muitas dúvidas. Dissemo-lo a partir do que constatamos no terreno, nos discursos que se seguem:

“Tcha... Não há pessoa que não gosta de ter! Já não vou conseguir, mas tenho plano de ter terreno, casa, mas aqui já não vai dar” (34 anos de idade, 4ª classe, residente no bairro S. João Canata).

“Tcha... não sei os meus planos, o meu futuro nada, mas com o tempo gostaria de ser electricista” (22 anos de idade, 7ª classe, vive na Calomanda).

Apesar de existirem alguns que se apresentaram sépticos quando ao futuro, alguns têm algumas ambições, têm algumas perspectivas futuríveis. Vejamos estes discursos:

“Quero outro trabalho. Se tivesse carta de condução, (...) gostaria ser mecânico-motorista” (28 anos de idade, 5ª classe, vive na Calomanda).

Em forma de conclusão, diríamos que grande parte destes jovens não tem planos de vida definidos. Os problemas de carências familiares e uma certa cultura de pobreza, que é uma das características de muitas famílias angolanas, conduzem a sentimentos de desmotivação escolar e profissional. Por outro lado, estes jovens são marcados por altos níveis de desmotivação, alienação social e perspectivas fatalistas de futuro.

Os modelos sociais de referência destes jovens são de gerações marcadas pela precariedade, exclusão social, baixas qualificações, desemprego e empregos precários. Assim, instalam-se neles, perspectivas negativas e dogmáticas sobre o amanhã ou o futuro. Não demonstram possuir planos de vida, nem objectivos escolares e profissionais. Esta postura conduz à formação de um ciclo vicioso de exclusão. Pois, à luz de Chambino,⁶¹ “quanto maiores as dificuldades escolares e profissionais, maior a desmotivação; diminuem os projectos de vida, o que conduz a uma maior desmotivação e desinteresse pelas esferas escolares e profissionais”. Logo, urge a necessidade de um resgate da autoestima destes jovens para o seu equilíbrio psicossocial e sua inserção socioprofissional.

CONCLUSÕES

O objectivo central desta pesquisa consistiu em conhecer as representações sociais dos jovens lavadores de carros nas ruas da cidade do Huambo na condição de socialmente excluídos. Neste sentido, conclui-se que a exclusão social é uma constante na vida destes jovens. Os jovens lavadores de carros nas ruas da cidade do Huambo constituem um segmento populacional marcado por ciclos geracionais de baixas qualificações quer académicas como profissionais. As situações de privação económica, as carências afectivas e as rupturas dos laços sociais são

⁶¹ Cfr. Chambino, M. S. B., *opus cit.*, p. 47

características desta população estudada. Por conta destes factores, associam-se padrões de comportamentos problemáticos tais como a delinquência, criminalidade e uso de drogas.

Foi com a ajuda da Teoria das Representações Sociais de Moscovici que pudemos fazer este trabalho. Ela permitiu-nos alcançar o conhecimento que os jovens lavadores de carros nas ruas têm a cerca da sua situação social. No estudo de campo, verificou-se que estes jovens têm trajectórias sociais diferentes, mas com muitos pontos convergentes. Isto porque vêm de bairros críticos e famílias diferentes já carenciadas residentes na periferia da cidade; o clima familiar, caracterizado pelas desestruturações e rupturas nos laços familiares, não oferece condições de realização pessoal. Por estas razões, estes jovens optam por esta estratégia de subsistência que, de alguma forma, podemos igualmente considerá-la de resiliência social.

Ao longo do estudo, ainda prestou-se uma atenção especial à escolaridade destes jovens, isto é, ao abandono escolar precoce, ao insucesso escolar e à falta de oportunidades de acesso à educação, que se configuram num grande problema para o grupo.

As baixas qualificações académicas e o pouco investimento dos jovens em programas de formação, quer profissional quer académica, associadas ao comodismo e ao conformismo, conduzem à fracas capacidades profissionais que se refletem numa dificuldade acrescida de entrada no mercado de trabalho. Portanto, não têm nenhuma experiência profissional nem almejam ter. Daí a necessidade de um processo de inserção social que, infelizmente, não tem sido levada a cabo pelos órgãos competentes no sentido de incluir estes jovens nas esferas sociais que lhes permitam a realização dos seus objectivos de vida. Na ausência de dispositivos de inserção social, os jovens lavadores de carros nas ruas ficam propensos à comportamentos auto-destrutivos.

Os problemas de carências familiares e uma certa cultura de pobreza, que é uma das características de muitas famílias angolanas, conduzem a sentimentos de desmotivação escolar e profissional. Os modelos sociais de referência destes jovens são de gerações marcadas pela precariedade, exclusão social, baixas qualificações, desemprego e empregos precários. Assim, instalam-se neles perspectivas negativas e dogmáticas sobre o futuro. Não demonstram possuir planos de vida, nem objectivos escolares e profissionais. Esta postura conduz à formação de um ciclo vicioso de exclusão social cuja representação deverá ser sempre estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arruda, R.; Colaço, J.; Baia, A., *O que é a exclusão social?* Escolar Editora, Lisboa, 2014.
- Carvalho, P., *Angola: Quanto tempo Falta para Amanha? Reflexões sobre as crises políticas, económicas e social.* Celta Editora, Oeiras, 2002.

- Carvalho, P., *Exclusão Social em Angola: o caso dos deficientes físicos de Luanda*. CESFE-UC, Coimbra, 2008.
- Chambino, M. S. B., *(Des) Integração Social juvenil: o caso da urbanização de realojamento Casal Mira*. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Planeamento não publicada. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011, p. 35.
- De Sá, C. P., *A construção do objecto de pesquisa em representações sociais*. EdUERJ, Rio de Janeiro, 1998.
- Giddens, A., *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª ed., Lisboa, 2013.
- González Rey, F.L., *Sujeito e Subjectividade: uma aproximação histórico-cultural*. Thomson Learning, São Paulo, 2003.
- Guerreiro, M. Das D.; Cantante, F.; Barroso, M., O abandono escolar precoce e as suas implicações nos percursos profissionais dos jovens, In. Carmo, M. R. De (Org.), *Desigualdades sociais: estudos e indicadores*. Editora Mundos Sociais, Lisboa, 2010.
- Guerreiro, M. Das D.; Cantante, F.; Barroso, M., O abandono escolar precoce e as suas implicações nos percursos profissionais dos jovens, In. Carmo, M. R. De (Org.), *Desigualdades sociais: estudos e indicadores*. Editora Mundos Sociais, Lisboa, 2010.
- Hongolo, A. L. das S., *A comunidade Rastafari em Angola: da representação à exclusão social*. Dissertação de Mestrado em Sociologia não publicada, Universidade de Lili, Lili, 2013.
- Santos, J. M. F. Dos, Valores e deontologia docente: estudo empírico. In *Revista Iberoamericana de Educacion* (ISSN:1681-5653).
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, IBEP., *Sumário do inquérito integrado sobre bem-estar da população*. IBEP-INE, ANGOLA, 2011.
- Jodolet, D., Representações Sociais: um domínio em expansão. In D. Jodolet (Org.). *As Representações Sociais*. EdUERJ, Rio de Janeiro, 2001.
- Lebaron, F., *A sociologia de A a Z: 250 palavras para compreender*. Escolar Editora, Lisboa 2010.
- Lukamba, A., *A globalização e os conflitos no sul: o caso angolano*. Roma, 2001.
- Moscovici, S. (2007). *Representações Sociais: Investigação em Psicologia Social*. Ed. Vozes, 5ª ed., Rio de Janeiro, 2007.
- Quivi, R.; Campenhoudt, L. V., *Manual de investigação em ciências sociais*. Grávida Editora, 6ª ed., Lisboa, 2013.
- Sawaia, B. (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade*. Editora Vozes, 2ª ed., Petrópolis, 2001.
- Tuckman, B., *Manual de investigação em educação*. Lisboa, 2000.

Van-dúnem, J.O.S., *Fundos Sociais: um colírio no combate à pobreza? Um estudo de caso do Fundo de Apoio Social*. Edições Kilombelombe Limitada, Luanda, 2008.